O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2000- ANO IV - Nº 46

EDITORIAL

No último dia 13 de novembro, reuniram-se em Haia, na Holanda, representantes de mais de 180 países, que buscavam soluções para minimizar os efeitos maléficos do aquecimento da Terra.

Nosso planeta está doente. Inúmeros males ameaçam, a médio prazo, a sua sobrevivência e, de imediato, sua permanência como um habitat saudável. O aquecimento global e sua repercussão direta em todo o planeta são resultantes do chamado "efeito estufa" – alteração climática provocada pela emissão de gases que permitem aos raios solares atingir a Terra, mas impedem a passagem da radiação térmica emitida pela superfície do planeta, em direção ao espaço, com conseqüente aumento da temperatura média.

O encontro de Haia é mais do que atual: nos últimos meses, vendavais, maremotos e chuvas torrenciais têm castigado diversas partes do planeta.

Se a temperatura continuar aumentando, as calotas polares e geleiras das altas montanhas derreterão substancialmente, elevando o volume dos mares, com graves conseqüências para as cidades litorâneas.

Há três anos, trinta países, inclusive o Brasil, assinaram propostas para reduzir os poluentes, controlar o desmatamento e reflorestar áreas degradadas. Muito pouco foi feito. É preciso que os acordos firmados nos encontros internacionais cheguem a todos os lugares e que as pessoas se conscientizem de que eles só acontecerão se houver um trabalho que envolva toda a sociedade. Daí a necessidade de que a educação ambiental seja iniciada na mais tenra idade.

Em Piquete, os efeitos das mudanças climáticas estão acontecendo sem que a população perceba. Basta conversar com os mais velhos e eles testemunharão sobre épocas não muito distantes, em que os invernos eram mais rigorosos, os ribeirões tinham maior volume d'água e as áreas florestadas eram maiores. No verão passado, as chuvas trouxeram desmoronamentos na serra, queda de pontes e de casas, e bloqueio de estradas. Essas chuvas deveriam servir de alerta, pois a tendência é que elas se repitam cada vez mais e com maior intensidade. A ocupação irregular das encostas, com construções em lugares íngremes, aliada à retirada da cobertura vegetal, concorre para acidentes.

Estejamos abertos para o que sinaliza os encontros internacionais e comecemos a trabalhar o nosso quintal. Assim estaremos fazendo nossa pequena parte, minimizando um efeito que é global, como aponta a conferência de Haia promovida pela ONU.

Foto arquivo Pro-Memória

Sede da Fazenda Santa Lydia, no Itabaquara. Patrimônio histórico de Piquete, que está sendo adaptada pelo seu proprietário, para receber turistas.

Em defesa de nosso patrimônio turístico

O turismo sustentável deverá ser uma das alternativas para o desenvolvimento de Piquete. Nos últimos anos, tem-se discutido sobre nossas potencialidades naturais e culturais que, racionalmente utilizadas, poderão atrair visitantes e gerar divisas para o município.

A Embratur tem estimulado as pequenas cidades a valorizar seus recursos turísticos. Assim, Piquete deverá aprender a olhar, com outros olhos, as encostas mantiqueiras, com suas matas e nascentes, as antigas fazendas de café, igrejas, estações ferroviárias e outros monumentos de real valor para sua história. Preservando nosso patrimônio, estaremos resgatando nossas tradições, indo ao encontro de nossas raízes sócio-culturais.

O que Piquete virá a ser no próximo século dependerá do envolvimento de cada um de nós, no dia-a-dia. Por outro lado, se continuarmos de braços cruzados, esperando que as coisas aconteçam, não haverá mudanças no município e estaremos fadados à estagnação. É preciso uma ação cidadã por parte de todos os munícipes, propondo soluções e colaborando com trabalho para o crescimento da cidade.

A próxima administração municipal deverá buscar parcerias com a comunidade, conscientizando-a da importância de nosso patrimônio histórico-cultural s se quisermos pensar em turismo. É necessário planejamento para o desenvolvimento do turismo, buscando, por meio de um plano de ação e metas, manter ruas e ribeirões limpos, encostas recuperadas, plantio de árvores e valorização de nosso patrimônio histórico-ambiental, que, forçosamente, melhorará nossas belezas cênicas, fazendo com que nossa cidade faça juz ao cognome "Cidade Paisagem".

Hoje, o descaso e o desrespeito ao nosso patrimônio é enorme. Devemos ficar atentos e protegê-lo. Não devemos nos esquecer de que a Constituição de 88 foi a primeira a dar proteção a ele; incluiu no rol de nossos direitos fundamentais a legitimidade para propor ação popular que vise anular ato lesivo ao meio ambiente e ao patrimônio histórico-cultural, como se lê no inciso 73 de seu artigo 5º. A Carta Magna tem ainda inúmeros dispositivos sobre o tema. Aponta que a responsabilidade por dano ao meio ambiente, a bens de direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico pode ser determinada, na forma de texto constitucional, pelos Estados. A sociedade deve se conscientizar da importância de seu patrimônio e estar alerta. Para tanto, deve, de início, compreender que a preservação dos valores históricos e paisagísticos ou arquitetônicos é uma fonte de riqueza de todos, na medida que promove a poderosa indústria do turismo.

Além do aspecto econômico, há a melhoria da qualidade de vida num ambiente saudável. Mais que uma questão de economia e de preservação ambiental, a preocupação com o patrimônio cultural chama atenção para nossa transitoriedade enquanto indivíduos. Transitoriedade a ser contraposta à permanência do patrimônio cultural como garantia das gerações que virão. O futuro será melhor se nós, no presente, formos fiéis aos preceitos constitucionais.

Imagem - Memória

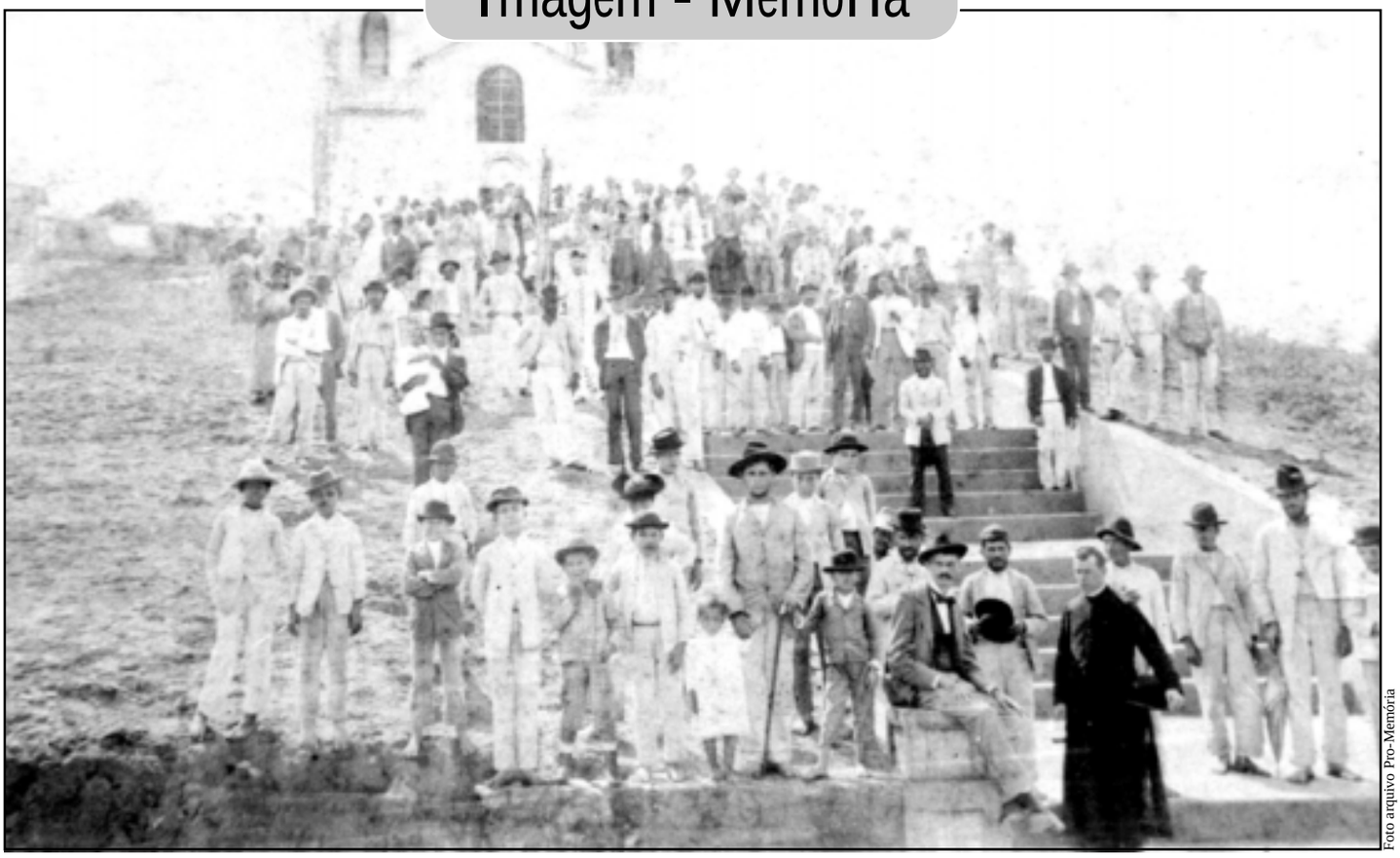


Foto arquivo Pro-Memória

A velha matriz de São Miguel, atual Igreja de São Miguel e Almas. Apesar das reformas internas, ainda conserva sua estrutura arquitetônica externa, como pode ser constatado nesta foto de 1900.

A velha matriz

A velha igreja matriz de São Miguel! Até a época da inauguração da igreja nova, quase cem anos de missão evangelizadora, propagando a doutrina cristã, no trabalho de dilatação do Reino de Deus na Terra!

Nas suas largas paredes de taipa, há pouco restauradas internamente, mas conservada sua estrutura arquitetônica exterior, quanto esforço concentrado, quanto suor e sangue escravo derramado – eles, os escravos, os verdadeiros construtores físicos do velho templo.

A tradicional Igreja de São Miguel – nosso glorioso padroeiro, e sua primeira matriz, sempre lembrada com saudade pelos fiéis ainda remanescentes da primeira metade deste século, pelos muitos acontecimentos religiosos nela vividos. Um pouco, igualmente, da história piquetense transcrita no Livro do Tombo, em que se registram todas as atividades da comunidade paroquial.

Nos dias de batizados e de crisma (naquela época o Sacramento do Crisma era ministrado na infância), o alvoroço das crianças e a euforia dos pais e padrinhos. Nas missas de primeira comunhão, a alegria contagiante dos pequenos comungantes, todos vestidos de branco – a cor símbolo da pureza dos que recebem Jesus Eucarístico em seus corações. Nas festas de núpcias, a felicidade incontida no semblante dos ditosos nubentes. E também a dor e a tristeza sombreadas nas cerimônias fúnebres de encomendação das almas de entes queridos que partem para a eternidade.

E mais: a piedosa participação dos fiéis nas missas dominicais. No mês de maio, as concorridas e piedosas procissões em louvor de Nossa Senhora, com banda de música, foguetório e cantos de louvor. As tocantes celebrações da Semana Santa, com a maciça presença dos fiéis, apesar das demoradas cerimônias em Latim. A festa do padroeiro com piedosa novena, missa solene cantada e a majestosa procissão de São Miguel, guarnecida por "anjos" e "pajens" e acompanhada praticamente por quase toda a população.

No período pascal, a concentração de todas as camadas sociais, em datas alternadas (militares, operários, estudantes, senhoras, jovens), para o cumprimento do dever cristão da confissão e comunhão anuais. De tempos em tempos, a presença de missionários (Pe. Ascânio, Frei Niceto, Pe. Vítor, salesianos), para pregação das Santas Missões, atraindo grandes multidões de fiéis da cidade e da zona rural.

Para mim, particularmente, a velha Igreja de São Miguel me é muito cara, pois nela me tornei cristão pelo Batismo, consolidei minha fé pelo Sacramento do Crisma e iniciei o conhecimento da doutrina cristã nas aulas de catecismo e recebendo Jesus Eucarístico na primeira comunhão. E também realizei o meu sonho de amor, unindo-me em matrimônio àquela que seria a mãe dos meus filhos e companheira fiel durante quase cinquenta anos. E ainda no velho templo, a missa de corpo presente antes do seu sepultamento.

Na minha juventude, sempre na velha igreja, ingressei nos trabalhos de assistência social e espiritual da Sociedade de São Vicente de Paulo e na fileira azul de Nossa Senhora, aos quais espero continuar servindo até o fim de minha vida.

A partir de 1934, a matriz de São Miguel se enfeita e se alegra com a chegada do nosso primeiro guia espiritual residente, o sempre querido Pe. João Marcondes Guimarães, de saudosa memória, quando então florescem as associações religiosas, dando novo impulso à vida espiritual da comunidade paroquial.

Com a construção da igreja nova que passou a ser a matriz, a velha igreja recebeu a denominação de Igreja das Almas (dada a sua proximidade com o Campo Santo), onde são encomendadas as almas dos cristãos a caminho de sua última morada.

Na passagem do 1º Centenário da Paróquia de São Miguel, a velha matriz cumpriu sua missão histórica e evangelizadora de atender os cristãos vivos em suas aspirações espirituais e continua atendendo os cristãos mortos na sua passagem para a eternidade. **João Vieira Soares**

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Peru

O apelido "Peru" vem da infância: ganhou-o aos 6 anos, quando, brincando no campo do Estrela, próximo à sua casa, imitava a ave. Conhecido por todos de nossa cidade, Osvaldo Peixoto é um apaixonado piquetense, nascido em 20-10 de 1926. Foi o terceiro filho, entre seis irmãos, do casal Antônio Francisco Peixoto e Durvalina Magalhães.

Infância simples, num tempo em que todos se conheciam. Freqüentou o antigo Grupo Escolar do Piquete, época da qual traz agradáveis recordações – dos amigos Durval Silva, Daniel Brasilino, Ivone Mineiro, Hugo Coelho, Ledo Moreira; sorri ao lembrar-se dos castigos, após as aulas, no porão da velha escola. Guarda, como prova das peraltices, um comunicado do diretor Sinésio de Castro: ".. por proceder mal em classe, solicito providência dos pais..". No dia do diploma, recebeu-o descalço pois, antes da cerimônia teve os calçados roubados durante uma "pelada".

Em 1940, ingressou no Patronato da Fábrica, que se tornou, em 1942, Escola Industrial, onde se formou marceneiro modelador. Deve muito de sua formação aos professores Augusto Ribeiro, Juracy Faury e José Geraldo Evangelista. Logo após a formatura, em 1946, começou a trabalhar na Fábrica Presidente Vargas.

Participou, ativamente, do dia-a-dia da cidade: diretor, em1950, do Grêmio General Carneiro (GGC), fundador e diretor do Clube dos Ex-Alunos, organizador, em 1957, junto com Orestes Rosas, da Romaria Ciclística Padre Juca, presidente da Corporação Musical, festeiro de São Miguel quando da inauguração da nova Matriz, entre outros. Orgulha-se de ter sido presidente da Comissão do Centenário da Paróquia de São Miguel, em 1988.

Peru é conhecido como o melhor marcador de quadrilhas nas festas juninas de Piquete. Aprendeu, com o Prof. Antenor Figueira, a marcação em francês, como era o costume.

Iniciou-se na política pelas mãos do Sr. Luiz Vieira Soares. Em 68, foi eleito o vereador com o maior número de votos.

Entre as múltiplas facetas, como ator, participou do grupo A.R.T.E., encenando diversas peças.

Lembra-se, com bom humor, do dia de seu casamento, em 13 de maio de 1961. A igreja estava lotada, pois "...ninguém acreditava que o Peru fosse se casar!". A noiva, Maria Aparecida Alves (Marizinha), conheceu-a encenando uma peça teatral. Tiveram quatro filhos: Oswaldo Júnior, Mario Antônio, Lúcio Ricardo e Cláudio Roberto. Têm quatro netos.

Peru é um "guardador" compulsivo de fatos e fotos de Piquete que podem ser conferidas na sua Cantina, a Peru's, da qual está à frente há 23 anos.

A paixão pela Escola Industrial fez com que, em 1986, organizasse a festa dos 40 anos daquele estabelecimento de ensino. A partir de então, vem procurando, sempre que possível, reunir ex-professores e alunos. Quando perguntado de alguém que tenha marcado sua vida, reverente, lembra-se de dois nomes: o Gen. Monte, fundador da Escola Industrial, e o Prof. Laércio José de Azevedo, que a conduziu nos primeiros anos.

Personagem marcante de nossa cidade, Peru é só amor por Piquete

Formandos do Grupo Escolar de Piquete, turma de 1938. Profa. D. Milita. Osvaldo "Peru" Peixoto é o quarto, da esquerda para a direita.

Foto arquivo Pro-Memória

DA SELA DO ROCINANTE

Alvíssaras

Por fim, o vento do novo resolveu soprar mais uma vez em nossa terra, depois de tanto tempo ouvindo os mesmos discursos, presenciando os mesmos atos inócuos, esperando que se cumprissem as mesmas velhas e improváveis promessas sobre os problemas que a todos afligem.

As últimas eleições trouxeram avisos, legendas e sinais de que novos rumos e posicionamentos estão se tornando realidade em todo o cenário nacional e também na nossa maltratada cidade paisagem.

Emergiu das urnas eletrônicas a face da insatisfação do povo para com a atual situação de mesmice, de falta de ânimo e de vontade (quiçá de capacidade) para tocar o projeto de uma cidade mais próspera, capaz de dar condições dignas de vida a seus habitantes.

Ao eleger o novo, as pessoas quiseram dar um basta na subserviência e na falta de coragem empreendedora que atacou seus últimos governantes, condenando a cidade e as famílias piquentenses a conviver com o marasmo administrativo em todas as áreas.

Dessa forma, o povo disse não ao abandono cultural, disse não ao descaso com a saúde, disse não ao desleixo com a natureza, disse não à falta de oportunidade de trabalho que grassa em todos os recantos.

O povo usou sua mais poderosa arma para derrubar por terra a odiosa e mesquinha troca de grupos que até então se revezavam no poder, perpetuando a malfadada lenda de que a cidade não tem condições de progredir e de ser feliz (tornando felizes seus moradores), porque falta isso ou aquilo.

Tomara que o novo seja realmente a solução, pelo menos para uma parte dos males que afligem nossa cidade. Ainda é cedo para especular sobre isso, mas o só fato de haver vencido quem nunca se sentou na cadeira do comandante é motivo de salvas, vivas e alvíssaras para todos.

Que o novo traga para junto de si, antes de qualquer outro ajudante, aquele que poderá ensinar a todos a pescar!!

D. Quixote

A FCR estará realizando, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa" , em dezembro, uma exposição de presépios.

Artesãos interessados, entrar em contato pelos telefones:

556-1207 e 556-1192

Memorial dos Moradores de Piquete - 7

Um operário da Fábrica - um certo olhar

"Retrocedendo ao meu tempo de guri, vejo-me novamente incorporado àquela turma de engraxates, no mais das vezes pela manhã, observando e admirando aquele contingente de homens em direção à Fábrica Presidente Vargas, em condições de quase sacrifícios, onde desenvolveriam um trabalho altamente especializado, pelo qual eram mantidas as numerosas famílias. Digo observando e admirando porque, à época, era em meios às naturais dificuldades, órfão de pai e no afã de ajudar no orçamento doméstico, tinha a cabeça repleta de sonhos e alimentava a idéia de um dia trabalhar na FPV. Tudo isso, e mais outras recordações, embora de um período difícil da vida, ainda assim, muita saudade me trazem". Jair de Melo (Jajá), aposentado, com uma folha de serviços de cerca de 30 anos em diferentes atividades na FPV.

O local do Trabalho

A 15 de março de 2000 a Fábrica Presidente Vargas completou 91 anos.

Ultrapassar a marca de 90 anos de idade é importante; particularmente, tratando-se da Fábrica Presidente Vargas, é motivo dos mais salientes na cidade de Piquete.

Em 15 de março de 1909 a Fábrica foi oficialmente inaugurada e iniciou imediatamente suas atividades. Desde então entrelaçaram-se definitivamente a Fábrica e a cidade que a acolheu, fazendo esta daquela sua marca e principal referência, além de motivo de orgulho, ainda que, constituindo indústria bélica, perigosa no seu trato e ameaçadora na contabilidade nefastamente elevada do número das mortes e acidentados.

A FPV no mundo do trabalho

O perfil de um operário tradicional da Fábrica é o do devoto dedicado. Ao falar dela, afloram, como qualificadoras, as expressões de afeto, homenagens e dedicação plena. Havia motivos.

Entretanto, se a pretendida unanimidade for boa recomendação, há vozes dissidentes. A fratura entre uns e outros é devida ao fato de que aos dedicados é imposta a pecha de aduladores, e aos contrários, o rótulo de maus serventuários. Mas, em dado momento, trabalhar na Fábrica era a aspiração e o desejo da maioria dos habitantes da cidade, pois, além do salário certo, religiosamente garantido, havia a possibilidade da aposentadoria aos 25 anos de trabalho, pensão à esposa e filhos menores, e até 1991, pensão vitalícia às viúvas e às filhas solteiras. Até a esta data, pelos direitos vitalícios, pela morte do servidor, garantiam-se à esposa e filhas os proventos proporcionais, e por morte da mãe, a totalidade do benefício às filhas. Acrescente-se, igualmente, o serviço social que proporcionava o abastecimento alimentar a custos reduzidos, compatíveis com os salários, atendimento farmacêutico e médico-hospitalar, recreativo, esportivo, educacional, e até serviços de fornecimento de moradias. O refeitório era uma atração, pela variedade do cardápio e fartura. O litro de leite oferecido para as crianças. As boas escolas tornavam-se um aval na garantia de empregos, e das cidades vizinhas afluíam candidatos às benesses proporcionadas. No Natal, eram distribuídos brinquedos. Concedia-se alguma alegria às crianças. Nas calçadas da Vila Duque a festa ganhava cores e emoções.

No momento em que a Fábrica Presidente Vargas transformou-se em estabelecimento da IMBEL, vinculado ao Ministério do Exército, o Brasil e seus organismos oficiais passavam por alterações profundas, fato que levou à extinção do Centro Social de tantas e efetivas realizações.

O consequente esvaziamento das atividades que engrandeciam a Fábrica e a cidade deixou marcas profundas. A estagnação tomou lugar, e Piquete passou a ver seus jovens à procura de outros destinos enquanto se transformava em cidade-dormitório, ou de fins-de-semana, pontuando alguns eventos à espera de novas motivações.

O depoimento emocionado do Jajá

Um operário, ao prestar depoimento sobre a Fábrica e seu passado, afirma, depois de citar todas as unidades escolares, os clubes recreativos e esportivos, as unidades de abastecimento e assistência: "Relativamente à desativação dos diversos órgãos de ensino do antigo DAE, seria insensato se eu deixasse de evidenciar, ocultando das gerações mais jovens e daqueles que o desconhecem, a legião de ex-alunos espalhados por este rincão brasileiro, nas cátedras, nos quartéis, nos gabinetes e oficinas, empunhando o livro, a espada, a caneta, o martelo e o cinzel, diferenciados nas vestes e nos instrumentos de trabalho, mas perfeitamente igualados na origem de ex-alunos do Departamento de Assistência Educacional da Fábrica Presidente Vargas, ora relembrados com grande dose de saudade o General Aquino, o Coronel Monte, o Professor Leopoldo e tantos outros de saudosa memória".

Afirma ainda nosso depoente: "...Piquete parece ter parado no tempo e no espaço, com muito pouco de lazer e trabalho a oferecer a seus habitantes".

"Todavia, a FPV, a organização que me acolheu ainda menino, com apenas 13 anos e foi semente de minha formação e que, em tempos que longe se vão, se agigantava em termos de trabalho e mesmo noutros setores, chegando a ter um efetivo que ultrapassava mais de 3.000 homens, hoje, infelizmente, registra recessão de pessoal, recessão essa que cada vez mais se acentua, forçando famílias a mudar-se para outros lugares maiores".

O Lugar da Memória

Nota-se, portanto, nestes escritos, a citação reverenciada do local de trabalho, enfatizado ainda mais por nosso depoente: "a Fábrica sempre foi para mim como um segundo lar e, até de certa forma, se colocava acima do primeiro lar, pois que desse Estabelecimento Fabril eu tirava o sustento honesto de toda a família e ainda aprendia, diuturnamente, formas de viver melhor. Os exemplos dos prezados chefes, com exceção de poucos, eu os absorvia, na medida de meu entendimento e, a cada dia, me sentia mais capaz no serviço e mais cidadão na comunidade".

Continua ele: "a FPV é, hoje, parte de mim mesmo, nos fatos de minha vida pessoal, afetos, admirações, confidências, pequenos detalhes de cada dia, que se incorporaram definitivamente à minha memória e que, abrindo caminho até meu coração, transformaram-se e vão se transformando em motivos de saudades ternas e duradouras".

Não raro, os funcionários da Fábrica, como passaram a ser chamados, por questões burocráticas, têm esse linguajar, essa maneira de expressão ao se referir ao estabelecimento como memória afetiva e cheia de pompas.

Afinal, é praticamente impossível desligar essas vivências enraizadas na memória dos habitantes de Piquete, onde o militarismo, a hierarquia, a segurança nacional, a defesa da Pátria, a homenagem do trabalho e o assistencialismo marcaram e marcam indelevelmente os destinos.

Entrevista em junho de 1999.

Dóli de Castro Ferreira

Operários da oficina de fundição da F.P.V. Foto de 18 de junho de 1958.

Foto arquivo Pro-Memória

20 de Novembro - Dia da Consciência Negra

Comemora-se, em 20 de Novembro, o dia da Consciência Negra, instituído em 1992. Quarenta e cinco por cento da população brasileira têm ascendência negra. Em cidades como Salvador, onde se radicaram riquíssimas culturas de vários reinos da África, esse número chega a 80%. Piquete, reflexo direto do Brasil, tem também grande número de negros em sua comunidade.

Essa mistura étnica, porém, veio sempre acompanhada de uma história de sofrimento, dor e injustiças. Iniciada com o mercantilismo e o colonialismo, que se encarregaram de trazer grande número de africanos negros não só para o Brasil como para as Américas, durou vários séculos.

Os negros africanos e seus descendentes souberam implantar em nosso país seus costumes, hierarquias, línguas, concepções estéticas e, principalmente, religião.

Símbolo maior da luta pela liberdade dos negros é Zumbi dos Palmares.

Não é possível precisar se Zumbi, que virou lenda, e é bandeira de toda uma raça, foi um líder do Quilombo dos Palmares ou uma geração de líderes deste Quilombo, marco na luta pela liberdade da comunidade negra, uma vez que informações sugerem a existência de vários líderes zumbis.

Dessa forma, são mais do que justas as comemorações durante este mês, em homenagem a Zumbi e à sua nação.

Patrimônio cultural ecológico

O prefeito eleito de Piquete, que tomará posse em 1º de janeiro próximo, assumirá uma grande dívida com a população, dívida essa que vem sendo protelada há décadas e que deverá ser paga o mais breve possível.

Diz respeito às questões relacionadas com o patrimônio cultural-ecológico, que, ao longo dos anos, veio sendo destruído, sem que políticas públicas de cunho preservacionista fossem executadas.

Quando falamos em patrimônio cultural-ecológico da "Cidade Paisagem", nos referimos não apenas às paisagens naturais, mas também às obras de cultura de valor inestimável como a biodiversidade das matas, as inúmeras nascentes na Mantiqueira, nossos monumentos arquitetônicos de valor simbólico para a população, e aí não podemos deixar de citar a importância da antiga Matriz de São Miguel, hoje Igreja de São Miguel das Almas, o mais antigo edifício construído no município, fruto do trabalho comunitário, além de outras edificações tanto na zona urbana quanto na rural.

Hoje, assistimos por todo o mundo uma tomada de consciência da importância do patrimônio cultural ecológico e ações voltadas para sua preservação estão sendo executadas. Essa tomada de consciência deve-se à percepção de que o homem é um dos elementos na cadeia maior da natureza.Assim,agressões desencadeadas pelo homem ao meio ambiente voltam-se contra ele mesmo. É imperativa, portanto, uma vivência preservacionista, da qual depende nossa própria sobrevivência.

Precisamos modificar nosso relacionamento com a natureza e conviver em harmonia com ela. Essa mudança de postura é individual. Por meio do exercício da cidadania, com respeito à memória dos que nos precederam, dos quais legamos nosso patrimônio cultural-ecológico, temos a obrigação moral de preservá-lo para as futuras gerações.

A partir de janeiro, o futuro prefeito deverá começar a pagar essa dívida. Não sozinho, mas por meio de parcerias, com a participação da comunidade, que espera que ele seja condutor de ações e programas voltados para a melhoria da qualidade de vida de todo piquetense. **AC**

Vista do Pico dos Marins, em Piquete. Patrimônio ecológico da cidade.

Foto arquivo Pro-Memória

"Casa 1". Prédio de 1909, localizado na Vila Militar Estrela do Norte.

Foto arquivo Pro-Memória

Estudar?

Claro que sim.

O mercado de trabalho está cada dia mais seletivo. Até há alguns anos, os anúncios de emprego solicitavam candidatos com 2º grau completo e datilografia. Evoluíram: o 2º grau foi substituído pelo técnico profissionalizante, surgiram a informática e o inglês técnico.

Atualmente, o curso superior, inglês fluente e, muitas vezes, um terceiro idioma, já se apresentam como requisitos básicos para preenchimento de qualquer vaga.

A população brasileira, apesar do crescimento demográfico ter caído drasticamente a partir dos anos 70, ainda é jovem e apresenta falhas graves na política de educação pública.

Com as empresas requisitando pessoal cada vez mais qualificado, inicia-se um círculo vicioso, do qual a maioria da população sem muitos recursos próprios não consegue sair: sem estudo suficiente não consegue um bom emprego que poderia lhe proporcionar uma faculdade e, consequentemente, melhoria da qualidade de vida. A necessidade de um rendimento qualquer leva filhos de Piquete a trabalhar fora, em cidades como São José dos Campos. Lá, com salários ínfimos, sustentam-se entre alimentação, moradia e alguma diversão, as perspectivas de melhoria são mínimas. Não têm condições de bancar cursos profissionalizantes, atualizando-se tecnologicamente. Vão sendo ultrapassados pelos avanços tecnológicos que vêm diminuindo, cada vez mais, o número de vagas de emprego e tornando mais exigentes ainda os requisitos para um profissional completo. Fecha-se, dessa forma, o círculo.

Como forma de amenizar esse quadro, o governo vem investindo nos cursos profissionalizantes do ensino médio, procurando resgatar uma classe de profissionais já quase esquecida.

Piquete, ainda à margem dessas políticas, precisa procurar incentivos junto às autoridades estaduais e federais para os jovens nessa situação. Programas como o do IMBEL/FPV, em parceria com o SENAI, que oferece salário e estudo para vários adolescentes, são exemplos a ser seguidos e que poderiam ser ampliados com o apoio do Executivo e Legislativo. É um investimento em nossa comunidade que irá segurar nossos jovens em Piquete, trazendo benefícios para todos. **LGDJ**

Dezembro - 2000

Neste Natal, vamos deixar a cidade mais bonita. Enfeite sua casa, sua rua, seu bairro, sua vida.

F.C.R.

Por quê?

Os assuntos culturais funcionam como referências identitárias de um povo. Na origem, cada agrupamento humano escolhe um lugar para viver. Nele, as pessoas se organizam em famílias, constroem moradias e lutam pela sobrevivência. Como os outros animais, reconhecidos em suas espécies, os humanos sabem eleger o que é mais conveniente para a vida e o transmitem aos filhos. Diferentemente de outros animais, nós humanos estabelecemos relações de afeto em redes amplificadas de opções, criamos formas organizadas de política, administramos o espaço, estabelecemos sistemas de comunicações.

Enquanto isso, as pessoas trocam entre si emoções, impressões, angústias e experiências adquiridas e trabalham incessantemente, dividindo entre si as tarefas de acordo com as competências, habilidades e predisposições. As pessoas estão, nesse caso, realizando formas culturais.

Da herança acumulada pelos saberes práticos e pesquisadores estabelece-se um núcleo sólido.

É esse núcleo sólido, denominado cultura, que dá rosto à comunidade, que dá alma ao espírito do povo, alma que é animação e vida, e espírito que, como entendem os filósofos, é o centro da inteligência, da bondade, engenho, significação e sentido.

Ampliadas as comunidades que são cidades, bairros, povoados, núcleos habitados, origina-se o povo de uma nação. Neste povo estão impregnados os sinais culturais transmitidos pelas gerações.

Todo núcleo familiar transmite aos mais novos elementos os traços culturais que lhes vão servir de base a vida inteira, desde sobrevivência, cuidados de toda ordem, comportamento e modos de pensar. O imaginário, cultivado na calma dos intervalos de luta e de trabalho, foi sendo povoado de seres vivos e inanimados em enredos que imitam as realidades, travestidos de sonhos e fantasias. Sua função é estabelecer conexões que estimulam a criatividade, a vontade, a coragem, mas também a necessidade de, pelo medo, treinar a coragem e, pela luta e heroicidade, estimular a busca da vitória como prêmio maior.

Nós, os brasileiros, herdamos de nossos povoadores um estilo de vida, uma forma peculiar de desenvolver cultura. Temos uma identidade na qual os índios, negros e europeus se manifestaram, eles, por sua vez, produtos de outras tantas relações étnicas e culturais.

O mundo globalizou-se nas comunicações aceleradas e, nas redes dos computadores, as formas culturais circulam. Mas há um centro hegemônico e este, que já domina pelas forças das armas e da tecnologia, acaba dominando também pela cultura da qual é herdeiro.

Se tomarmos essa cultura como hegemônica, desprezamos a nossa: perdemos identidade, rosto, alma e espírito. Entregamo-nos a eles, sem prêmios.

Portanto, não são os "halloweens" que nos correspondem. Mas, como "Rambos" nas florestas maculadas, nos intimam, dominam e derrotam.

Por quê? Se temos um saci, uma caapora, um boitatá e todo um universo de seres mitolizados nos candomblés que, por deixar de ser conhecidos, estarão condenados ao desaparecimento.

Mas, o que seremos nós?

Meros simulacros imitando, e mal, a cultura alheia, porque não a introjetamos. Ela não é fruto de um tempo acumulado como memória, portanto, como afeto.

Pior seria se nas escolas esse hábito se consolidasse. Cabe aos professores reagir criando nas tais datas, como a de 31 de outubro, um festival de mitos nos quais, se o "halloween" entrasse, fosse apenas por comparação cultural, contextualizado, mas não centralizado. Urge essa posição. Sejamos nós, para não sermos caricaturas de outros.

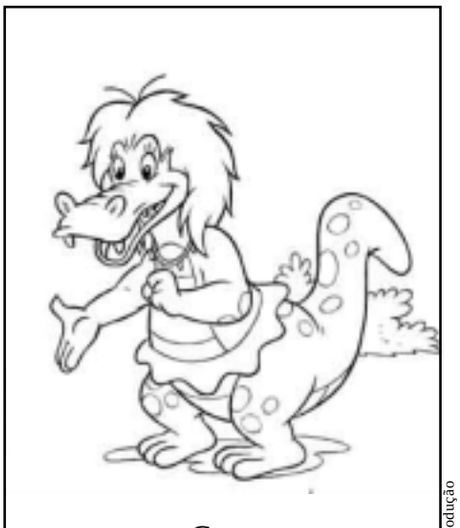
Dóli de Castro Ferreira

Nota: Halloween, que é consagrado pelos americanos como um festival de bruxas, precede um "hallowday", que é o dia santificado ou o dia de Todos os Santos. Mas também, do prefixo hall forma-se "halleluyah". Então, aleluia das nossas boas tradições!

Por que Halloween? "Se temos o Saci, a Caapora, o boitatá e todo um universo de seres mitolizados nos candomblés, que, por deixar de ser conhecidos, estarão condenados ao desaparecimento."

Reprodução

Saci-Pererê



Reprodução

Cuca

Crônicas Pitorescas

Lembranças

Palmyro Masiero

O mundo girando e nossos ontens ficando sempre mais distantes. Na caixa-preta dos meus cotidianos já passados, muita coisa aconteceu – sem a mínima influência para a humanidade -, alegre ou triste, que preenche as vinte e quatro horas minhas.

Dias atrás ouvi uma palavra magica; transportou-me, através da miraculosa máquina da mente, para quase uns sessenta anos decorridos da minha insignificante vida. Uma saudade doída me bateu. Recordações sem nenhuma importância; porém derrubaram-me do pedestal de pensar que a vida é o momento que passa hoje. A palavra mágica chegou-me aos ouvidos, inesperadamente, dita por um desconhecido, simples: "pramorde".

Uma empregada que tivemos, viúva, "vinda da roça" – como falávamos –, usava muito esse termo "pramorde", além de outros como "vancê", "tamém", "ataio" etc. Simplíssima no expressar, mas rica em sabedoria.

Acontece que na época, eu e meus irmos éramos moleques um tanto desacatados e seu linguajar nos divertia. Pecado, admito agora, não naqueles idos.

Fez-me rir a lembrança durante uns instantes o que acontecia diariamente à hora do almoço. Este, em casa, não era como deveria ser: todos sentados à mesa, a mesma hora. Isso somente aos domingos. Durante a semana, meu pai almoçava na fábrica e nós, os filhos, tínhamos horários diferentes na escola. Mamãe já fixava os pratos arrumados para os que vinham chegando e os aprontava para os do período da tarde. Sabia ela, exatamente, a quantidade e o arranjo da comida no prato, ao gosto de cada um.

Aí e que entra a "nhá" Rosa, a empregada, nessa história. Tínhamos o hábito de colocar o prato na mesa e à sua frente uma revista ou gibi. Almoçávamos e jantávamos lendo. E "nhá" Rosa com isso não concordava, sempre nos chamando a atenção, que aquilo fazia mal. Inclusive dizia que um seu tio morrera por ter essa mania. Nós insistíamos:

– Morreu como, "nhá" Rosa?

– "Cumeu, garrolê, morreu"

Essa resposta era uma verdadeira diversão pra gente.

– Como é que se come "garrolê"?

– "Num é coisa de cumê... Ele é qui cumeu, garrolê e morreu"

– "Garrolê" é gostoso?

Não entendíamos o que resmungava ao sair, brava, do nosso lado, mas não devia ser coisa boa. Havia muito sabíamos o que queria ela dizer: não deveríamos almoçar ou jantar lendo. Mas o tal do "garrolê" era uma gostosura na voz dela.

O "pramorde" de agora me trouxe à lembrança um "garrolê" perdido lá pelos antigamente da minha infância, em que viver era uma festa.

A Fazenda Santa Lydia

Foto Alzira Beckmann

Vista lateral da Fazenda Santa Lydia, em Piquete. Foto de outubro de 2000.

A Fazenda Santa Lydia, no bairro do Itabaquara, está com suas obras de revitalização adiantadas. O empresário João Carlos Marcuschi não tem medido esforços para a restauração da antiga sede da fazenda, com a construção de um bem instalado restaurante e de um pesqueiro. A infra-estrutura criada visa a proporcionar aos visitantes conforto e bem-estar, para que passem horas agradáveis em contato com a natureza.

A fazenda tem como principal atração o antigo casarão do século passado, todo restaurado, com muitos cômodos, mobiliário do século XIX e dezenas de janelas que se abrem para uma paisagem belíssima. Emoldurada pela Mantiqueira, preserva grande área de Mata Atlântica e um ribeirão com águas cristalinas.

A Santa Lydia já tem atraído visitantes, uma vez que a proximidade com a Dutra e cidades valeparaibanas e sul-mineiras faz com que muitos a procurem. A população, ávida por ar puro e por um pouco de história, tem tudo isso a 7km do centro de Piquete, com a possibilidade de curtir a vida no campo.

Liga Piquetense de Combate ao Câncer

Comunicado

Nós, ex-voluntárias da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Piquete extinta na data de 1º de agosto deste ano, vimos a público comunicar que, conhecedoras que somos do grande número de pessoas portadoras desse terrível mal que as corrói, não só física mas também financeiramente, não poderíamos abandonar esta luta. Desta maneira, estaremos ajudando especificamente os doentes de nossa cidade por meio da nova entidade denominada "Liga Piquetense de Combate ao Câncer", já com sua diretoria organizada, conforme eleição realizada dia 31-08pp, tendo por presidente a Profa. Vera Meirelles Moreira.

Procuraremos, com a ajuda de profissionais da saúde, fazer um trabalho de prevenção e esclarecimento sobre a doença e, com o apoio de toda a população, dar o auxílio material necessário aos doentes.

Esperamos contar, como vínhamos, com a participação de todos os piquetenses contribuindo mensalmente com qualquer quantia. Essa arrecadação será sempre revertida em prol dos doentes de câncer.

Procure uma de nossas voluntárias para melhores esclarecimentos e, desde já, nosso Deus lhe pague.

Voluntárias: Ângela de Castro Ferreira, Eneida Theodoro, Paulina, Maria Cipoli, Odete Armando, Nair Vieira, Tereza Junqueira e Taninha Chaves.

Ainda consternados pelo falecimento da Profa. Dulce D'Amico, presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Piquete por quase trinta anos, deixamos registrada aqui nossa saudade e certeza de que sua luta pelos doentes de câncer terá continuidade por meio de suas amigas e companheiras.

"Sei que meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor."

Madre Tereza de Calcutá

Decálogo Cívico

1 - Amarás Piquete, tua cidade, com um amor inteligente e forte. Inteligente, para conhecer seus problemas e grandeza; forte, para empenhar-te em prol de seu desenvolvimento e sua soberania.

2-Amarás teus irmãos piquetenses, reconhecendo em todos a igual dignidade de pessoas humanas, sem discriminações de raça, origem, condição social, situação econômica, opiniões doutrinárias, ideológicas ou religiosas.

3 - Não excluirás de teu amor e respeito os filhos de outras terras que vieram colaborar lealmente para a grandeza da pátria comum.

4 - Prezarás os seus valores humanos, espirituais e físicos, procurando através de todos os recursos do ensino e da educação, levá-los a uma plenitude ordenada e harmoniosa.

5 - Amarás entranhadamente o bem, a virtude e a verdade, detestando o mal, a mentira e a iniquidade.

6 - Amarás com predileção a tua família, a cuja promoção te dedicarás pelo trabalho competente e honesto, no exercício de uma profissão.

7 - Procurarás conhecer sempre melhor teus deveres e direitos de cidadão, para observá-los com maior fidelidade, esforçando-te por participar da vida de tua cidade, de teu município, de teu Estado e da Federação.

8 - Lembrar-te-ás que um bom cidadão não pode ignorar os elementos fundamentais da organização jurídica e administrativa do seu município.

9 - Deverás também te esforçar por conhecer sempre melhor os elementos da organização econômica e dos processos sociais de Piquete, bem como os sistemas propostos para resolver os seus problemas.

10 - Não deverás nunca esquecer que Piquete faz parte de uma Cultura e de uma Comunidade Nacional, com as quais tens deveres urgentes, que, cumpridos, promoverão uma paz justa e definitiva. **A.J.**

Vista parcial de Piquete.

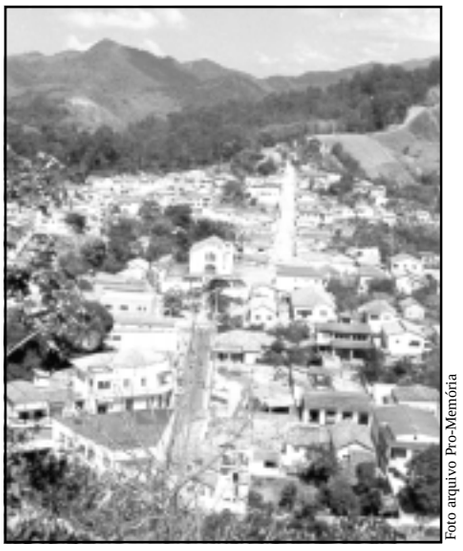
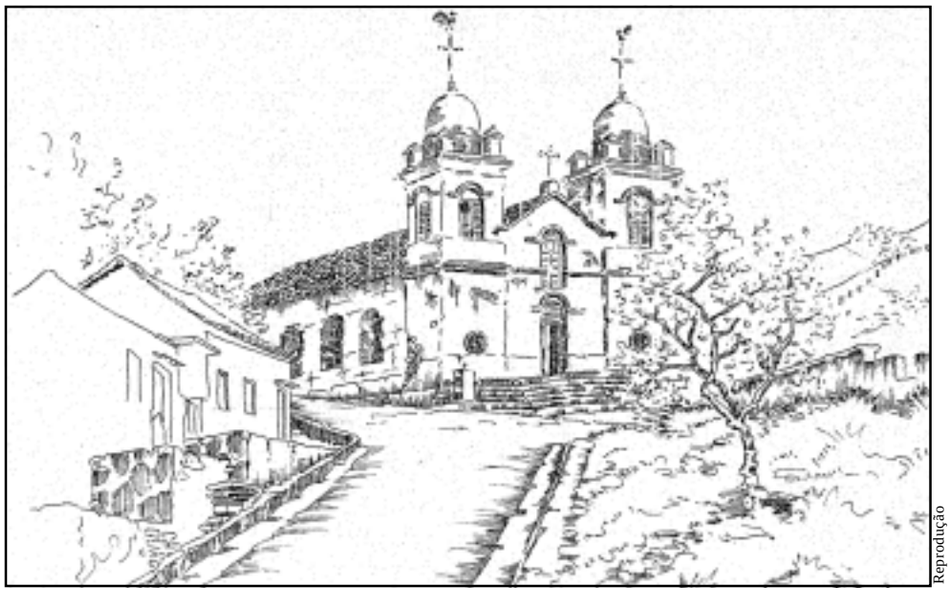


Foto arquivo Pro-Memória

O Vale Paulista do Rio Paraíba - Guia Cultural



Reprodução

Antiga Matriz de São Miguel - Piquete. Reprodução do desenho de Tom Maia, publicado em livro recentemente lançado.

Aconteceu no dia 10 de novembro, às 20h, no Seminário Santo Afonso, em Aparecida, o lançamento dos livros: "O Vale Paulista do Rio Paraíba – Guia Cultural", de Thereza e Tom Maia, e "Vida de Monsenhor Filippo", do Pe. Orlando Gambi.

No "Guia Cultural" estão bem retratadas as cidades valeparaibanas paulistas, com sua localização, altitude, atividades econômicas e culturais, eventos, história, monumentos e passeios, tanto ecológicos como tecnológicos. Completa esse roteiro de turismo cultural a farta iconografia com que Tom Maia identifica e valoriza cada cidade, cada monumento, cada paisagem.

Na página 188, dedicada a Piquete, foi publicada a ilustração acima e no texto é apontada como principal monumento de nossa cidade a Igreja Matriz de São Miguel – padroeiro da cidade "século XIX".

"A Vida de Monsenhor Filippo" traça a biografia deste missionário que chegou a Guaratinguetá no século passado (1873), e aí permaneceu até a morte, em agosto de 1928, deixando uma vasta obra. "...Amou os pobres, seus prediletos, com quem repartiu a riqueza de sua pobreza...". É exemplo de sacerdote a ser seguido.

Monsenhor Filippo era irmão do primeiro vigário de Piquete, que aqui chegou em 1º de novembro de 1888, Pe. Francisco Filippo.

Ambos os lançamentos merecem ser lidos e apreciados por todos que queiram conhecer um pouco da região e cultura valeparaibanas.

Notas da Cidade

- A Associação de Judô de Piquete (AJP) promoverá, nos dias 16 e 17 de dezembro, um Torneio de Futebol Dente de Leite da Escolinha Pirralhos e um Torneio de Judô, que contará com a AJP e academias da região. Os torneios estão sendo patrocinados por comerciantes da cidade e os ingressos, que dão direito à participação em um sorteio de diversos prêmios, estão à venda em vários pontos do comércio local.

O evento, além de enaltecer o esporte em nossa cidade, será em benefício do Conselho Particular Vicentino de Piquete.

- A Casa da Cultura de Lorena promoveu o concurso de poesia "Péricles Eugênio da Silva Ramos. Três poemas de autores piquetenses foram premiados: na categoria Livre, José Antônio Soares, em 1º lugar, com "Lá vou eu" e em 5º lugar, Elizabete Rosa dos Santos Silva, com "Sonhos". Na categoria Estudantes do Ensino Fundamental e Médio, Amanda Cristina Vieira da Fonseca, em 4º lugar, com "Folhas Secas". A FCR parabeniza a todos!

- O jornal Cidade Paisagem completou 10 anos de circulação. Para comemorar, realizou no Montanhês Clube de Piquete, no dia 14 de novembro, o seu já tradicional baile, em que foram homenageadas personalidades que se destacaram na comunidade. A FCR parabeniza o Diretor, Sr. Claudinei de Barros Magalhães.

- A Câmara Municipal de Piquete aprovou, em sessão do dia 17 de novembro, o novo horário das sessões para o mandato que se inicia no próximo dia 01 de janeiro. A partir de então, as sessões serão realizadas todas as primeiras e terceiras segundas-feiras do mês, às 15 horas.

- A Fundação Christiano Rosa recebeu um exemplar autografado do livro "Presença Construtiva: - A relação educador - educando nos programas socioeducativos", de autoria da pedagoga Ermelinda Gonçalves Uchôas. Os interessados poderão adquiri-lo com a autora ou na livraria da UNISAL.

Água Pede Água

Celso Colombo

Muitos de nós, na infância, recorríamos à expressão "pedir água" quando a situação se apresentava dificil e apertada. Com isso, conseguíamos um alívio quase que imediato e rapidamente voltávamos ao normal. Situação idêntica está acontecendo com a Água em todo o planeta Terra e sua escassez crescente está sendo alvo de discussões e análises por parte de cientistas e estudiosos do mundo inteiro. Desmatamentos, troca de vegetação, erosão ou alterações na permeabilidade do solo, poluição do ar, etc, são algumas das variáveis apontadas para explicar parte de seu desaparecimento. Ainda que nosso planeta seja coberto em sua grande extensão por Água, cerca de três por cento das reservas existentes são de Água doce e pouco menos de um por cento é destinada ao consumo humano e à continuidade da Vida. Entretanto, essas reservas estão, há algum tempo, emitindo sinais de socorro que só agora estão sendo captados e entendidos por muitas pessoas. Se as ações que atualmente estão em andamento para preservar, proteger, recuperar toda e qualquer manifestação de Água terão sucesso, só o tempo dirá. Mas, independentemente dessas ações, as pessoas em seus lugares de moradia e trabalho já deveriam estar praticando técnicas simples sobre o uso racional da Água, ao lado de ações voltadas à recuperação e preservação dos recursos hídricos. E, para fortalecer ações de interesse público, o Governo Brasileiro recentemente criou a Agência Nacional de Águas (ANA) e, possivelmente no próximo ano, todos nós seremos convidados a pagar uma taxa sobre toda e qualquer Água colocada à nossa disposição.

Piquete, emoldurada pela "montanha que chora", também está experimentando grave escassez de água e nossos rios estão se transformando, para nosso desespero, em diminutos córregos. O desperdiço de Água em Piquete é chocante e é resultado da soma dos desperdícios nas casas e nas redes de distribuição e abastecimento. E praticamente nada tem sido feito neste sentido pelas autoridades públicas.

Por outro lado, a Água utilizada no abastecimento das casas está, há um bom tempo, com a qualidade comprometida, em função do precário tratamento a que é submetida. Populares, inclusive, têm observado de forma sistemática a presença de corpos estranhos na Água fornecida pela Prefeitura, notadamente nas bóias das caixas de água e torneiras. Assim, são necessárias, também aqui em Piquete, diversas ações para recuperar nossos mananciais, nossos rios e, de forma imediata, dar à nossa gente Água tratada, de Qualidade. Dessa feita, só nos resta, neste momento, "pedir água" para a nossa Água.